



**Isaías Caminha and Gonzaga de Sá: characters by Lima Barreto in the light of Lacanian materialism**

***Isaías Caminha e Gonzaga de Sá: personagens de Lima Barreto à luz do materialismo lacaniano***

**OLIVEIRA, Maria Betânia da Rocha de<sup>(1)</sup>**

<sup>(1)</sup>  0000-0002-9862-2857; Professora Adjunta da Universidade Estadual de Alagoas. São Miguel dos Campos, Alagoas (AL), Brasil. E-mail: mariabetania.oliveira@uneal.edu.br.

O conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos/as seus/as autores/as.

**ABSTRACT**

This article aims to analyze the characters Isaías Caminha and Gonzaga de Sá, both protagonists of the novels *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1998) and *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1997), by the pre-modernist writer Lima Barreto, through the lens of Lacanian Materialism proposed by the Slovenian philosopher and critic Slavoj Žižek. Initially, we present the author and a brief view of the literary movement to which he is linked. As it is a relatively new trend in Brazil, we emphasize that Lacanian Materialism, previously linked to political philosophy, gradually advances and reaches the area of cultural studies, through the proposal of reading literary texts from the application of Lacan's concepts proposed by Žižek. This critic's proposal is to intervene in political discourse because he believes that it can affect people's ideas and help social changing. In this perspective, the objective of this article is to apply the concepts of the real, the symbolic and the imaginary, in a brief analysis of the two characters (Isaías Caminha and Gonzaga de Sá) to explain how these concepts provide a directive on the possible relationship between what Žižek says about current issues and what can be applied to the reality of the novels under study. Our research attests to the relevance of Lima Barreto's works, since his characters represent the human being as a social organism conditioned to historical and literary conceptions, which allows our analysis in the light of a contemporary theory.

**RESUMO**

Este artigo objetiva analisar os personagens Isaías Caminha e Gonzaga de Sá, ambos protagonistas dos romances *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1998) e *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1997), do escritor pré-modernista Lima Barreto, pelo viés do Materialismo Lacaniano proposto pelo filósofo e crítico esloveno Slavoj Žižek. Inicialmente, apresentamos o autor e uma breve visão do movimento literário ao qual ele está vinculado. Por ser uma corrente relativamente nova no Brasil, destacamos que o Materialismo Lacaniano, antes ligado à filosofia política, avança gradativamente e atinge a área dos estudos culturais, por meio da proposta de ler textos literários a partir da aplicação dos conceitos de Lacan propostos por Žižek. A proposta deste crítico é intervir no discurso político por acreditar que isso pode afetar as ideias das pessoas e ajudar a transformar a realidade. Nessa perspectiva, o objetivo deste artigo é aplicar os conceitos de Real, Simbólico e Imaginário, em uma breve análise dos dois personagens (Isaías Caminha e Gonzaga de Sá) para explicar a forma como esses conceitos propõem um direcionamento sobre a possível relação existente entre o que Žižek afirma sobre as questões da atualidade e o que pode ser aplicado à realidade dos romances em estudo. Nossas pesquisas atestam a atualidade das obras de Lima Barreto, uma vez que seus personagens representam o ser humano como um organismo social condicionado às concepções históricas e literárias, e isso permite nossa análise à luz de uma teoria contemporânea.

**INFORMAÇÕES DO ARTIGO**

**Histórico do Artigo:**

Submetido: 10/06/2022

Aprovado: 10/06/2022

Publicação: 01/07/2022



**Keywords:**

Literary criticism,  
symbolic triad,  
Slavoj Žižek

**Palavras-Chave:**

Crítica literária,  
Tríade Simbólica,  
Slavoj Žižek.

## Introdução

Lima Barreto (1881-1922), autor dos romances *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1998) e *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1997), é considerado um escritor da Primeira República, e sua obra está enquadrada no Pré-Modernismo, período que foi de intensa movimentação literária e marcou a transição entre o simbolismo e o modernismo, cujo marco foi a Semana de 1922. Para muitos teóricos, esse período não deve ser considerado uma escola literária, já que apresentou inúmeras produções artísticas e literárias bem distintas.

Esse período deve ser entendido, segundo Bosi (2013), em dois sentidos até mesmo contrastantes. No primeiro, o prefixo “pré” assume conotação de mera anterioridade temporal e o período literário assim designado se caracteriza como extremamente conservador, uma vez que aglutina escritores neoparnasianos tradicionalistas que, sob o critério estético, podem ser considerados antimodernistas.

No segundo, o prefixo conota forte sentido de precedência temática e formal em relação aos valores da literatura modernista, devendo ser visto como movimento renovador, oposto ao conservadorismo entranhado no sentido citado anteriormente, uma vez que os escritores representativos desse modo de entender o período passam a interessar-se pela realidade brasileira, propondo uma revisão crítica dos valores nacionais.

Do ponto de vista cultural, o período foi marcado pela convivência entre várias tendências artísticas do século anterior ainda não totalmente superadas, e algumas novidades de forma e conteúdo. Houve um esforço coletivo entre os escritores em produzir uma literatura que despertasse o resto do país para o atraso de nossa democracia: o regime feudal dos engenhos, a política dos coronéis, a violência dos cangaços e o trabalho escravo. Em correspondência com esse panorama social, a produção cultural e artística das elites urbanas do litoral, reflete, de um lado, a crise de um Brasil arcaico e agrário e, de outro, o nascimento de um país moderno e industrial.

E, de acordo com Schwarcz (2017), esse movimento pendular da sociedade brasileira entre o imobilismo e a modernização seria prontamente transferido para a literatura. Com efeito, observamos que os primeiros vinte anos do século XX foram marcados tanto pela presença de resíduos culturais do século XIX como pela busca de novas formas de expressão. E, acima de tudo, por um desejo individual, e nem sempre explícito, de redescoberta crítica do Brasil. De um Brasil esquecido, ignorado e, por vezes, doente, mas que precisava ser mostrado, discutido, interpretado.

Euclides da Cunha, Graça Aranha, Monteiro Lobato e Lima Barreto foram alguns Pré-Modernistas que se destacaram durante o período. Para este artigo, selecionamos Lima Barreto porque ele apresentou um cenário brasileiro cujo foco era a tensão vivenciada por indivíduos

em busca de um lugar no mundo. Ao contrário da crítica que o apontou, durante muitos anos, como um escritor autobiográfico, destacamos que o conjunto de suas obras enfatiza, principalmente, as problemáticas sociais e raciais que colocavam o homem em conflito com os (des)propósitos de exclusão predominantes de uma época num período em que os avanços do progresso contrastavam com o retrocesso dos que viviam à margem dos benefícios que a modernidade oferecia à minoria.

A escrita de Barreto aponta a condição humana como uma espécie de ponto de partida como um ser individual e, ao mesmo tempo, coletivo, exatamente porque os aspectos exteriores da realidade são substituídos pelos conceitos da verdade da essência do ser. O conjunto de sua obra ultrapassa os conceitos da descrição da realidade vista ou vivenciada por ele, uma vez que a verdade do autor confunde-se com a verdade da arte, tal qual expressa por Badiou (2002, p. 22): “Tanto no caso de Platão quanto no caso de Brecht, a tendência didática mede a relação entre arte e a verdade a partir da capacidade – ou incapacidade – da arte de sair fora de si mesma.” Ou seja, a literatura real de Barreto se mistura com o irreal, de forma que a verdade da arte ultrapassa os limites do imaginário. E isso confere ao texto a essência do real sob o ponto de vista ideológico do autor.

Apropriamo-nos do pensamento de Badiou (2002) para defender que o processo de criação romanesco de Lima Barreto passa por um processo adequado de transformação estética, sem perder a autonomia do processo artístico. O elemento ideológico conduz a narrativa, mas a incorpora ao processo de criação estética, o que vale afirmar que nas obras desse escritor se instaura uma nova realidade, que é a própria realidade do romance.

Com os personagens que desfilam pela cidade do Rio de Janeiro, Barreto expõe os problemas do indivíduo moderno em busca de afirmação no mundo novo que se desenhava com a Proclamação da República. As narrativas oscilam entre as mazelas presentes no cotidiano e a resistência desse indivíduo diante delas, já que na dinâmica social determinada pela época, grande parte da população era sacrificada em benefício de poucos.

Nessa perspectiva, apresentamos Isaías Caminha e Gonzaga de Sá, personagens de Lima Barreto, nos romances *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1998) e *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1997), cujas publicações datam, respectivamente, de 1909 e 1919. Como acontece no conjunto das obras barretianas, esses romances evidenciam o entrelaçamento dos vários aspectos que compõem a realidade do ser, exatamente porque os aspectos exteriores da realidade são substituídos pelos conceitos da tríade lacaniana: o Simbólico, o Imaginário e o Real que, segundo o materialismo lacaniano, representam o nó borromeano – formado por três elementos que, só juntos, constituem a existência do ser.

Neste contexto, esta pesquisa em Letras/Estudos Literários destaca, por meio de um estudo qualitativo e indutivo, a constituição do ser a partir da aplicação dos níveis da tríade lacaniana – Simbólico, Imaginário e Real – sob a ótica materialista lacaniana proposta por Slavoj Žižek. Além das pesquisas bibliográfica, foi necessário recorrer a um campo

multidisciplinar que envolveu as ciências humanas e sociais, cuja finalidade foi traçar um campo de estudos a partir da fortuna crítica de Lima Barreto sob o prisma da aplicação do materialismo lacaniano.

Nessa perspectiva, o objetivo deste artigo é aplicar o referencial teórico proposto por Žižek tomando como base os conceitos de Real, Simbólico e Imaginário, nos romances de Lima Barreto, que datam de 1909 e 19019, para explicar a forma como esses conceitos propõem um direcionamento sobre a possível relação existente entre o que Žižek afirma sobre as questões da atualidade e o que pode ser aplicado à realidade dos romances em estudo, escritos no início do século XX por um escritor que vivenciou uma situação histórica diferenciada da atual, mas que em muitos aspectos se assemelha ao contexto atual.

### **O materialismo lacaniano de Žižek**

Este artigo apresenta como principal linha teórica o materialismo lacaniano, cujas bases foram idealizadas por Slavoj Žižek. A título de informação, iniciaremos esta sessão com uma breve apresentação desse filósofo contemporâneo, que se destaca por estar em constante produção (ele publica de 01 a 03 livros por ano). Žižek nasceu no dia 21 de março de 1949, na cidade de Liubliana, na atual Eslovênia. Com formação em Letras e em Filosofia, ele desenvolveu sua orientação acadêmica tomando como fundamentação as marcas do idealismo alemão, mas sempre a partir de uma observação plural das teorias sociais. Sem se desprender da tradição filosófica e ancorado na filosofia política, Žižek busca compreender as agruras sociais e políticas que circulam no mundo atual, por meio de estudos que uniram os dados do materialismo dialético e histórico aos conceitos da psicanálise de Lacan, cujos pressupostos foram agregados a outros contextos intelectuais.

Žižek fez dois cursos de Doutorado, sendo o primeiro em Filosofia, em sua terra natal, em uma época de inúmeras transformações na história política da Iugoslávia. Os pensamentos do filósofo já apresentavam preocupações políticas e sociais, e estas foram significativas para o desenvolvimento de sua ideias, as quais já estavam sob forte influência de Hegel e Heidegger. Os acontecimentos da década de 1970 fortaleceram as bases de um comunismo de linha dura que assolava sua terra natal, e um filósofo de ideias heterodoxas como Žižek não era bem-vindo. Na entrevista realizada por Glyn Daly (2006), Žižek afirma que a fase difícil pela qual passara nos anos finais de 1970 foi decisiva para sua ida à França, onde fez o segundo doutorado, em Psicanálise, com Jacques-Alain Miller e François Regnault.

As informações acima são pertinentes para entendermos o processo de desenvolvimento do materialismo lacaniano, uma vez que Žižek transita da Filosofia para a Psicanálise, por meio de uma lógica que une os diversos caminhos que as áreas do conhecimento sugerem para uma análise política e social, quando são configuradas, de forma

interdisciplinar, as teorias sociais da sua filosofia contemporânea. Isso é atestado pelas bases recebidas, inicialmente, do idealismo alemão de Kant, Fichte, Hegel, Heidegger e Schelling e, em seguida, dos estudos sobre o marxismo de Marx e da Escola de Frankfurt, os quais, associados à psicanálise de Lacan, forneceram os dados para a elaboração do materialismo lacaniano, por meio da análise dos princípios da dialética entre o capitalismo e o idealismo.

Se, de um lado, o marxismo buscava compreender as engrenagens da sociedade até seus pontos mais elementares, a psicanálise se abria para a reflexão sobre o universo do inconsciente dos sujeitos que compõem essa mesma sociedade. Sobre a constituição do ser, a teoria žižekiana confirma a fusão dessas duas correntes, já que a existência humana é marcada por uma eterna busca para preencher uma lacuna, um buraco, uma espécie de falta inconsciente, cujos resultados se traduzem em concepções ideológicas associadas à realidade posta. Žižek faz alusão às concepções da fantasia ideológica para chamar a atenção da ilusão, “o erro que opera na realidade social, na própria atividade dos indivíduos, naquilo que eles ‘fazem’, já que os homens sabem o que há nas relações entre eles e as coisas” (Žižek, 1992, pp. 61-62).

Em outras palavras, o erro está na duplicidade da ilusão de que a existência humana é sua fantasia ideológica, a qual não se opõe à realidade; mas é ela que estrutura essa mesma realidade social, que consiste em passar por cima da ilusão que estrutura nossa relação real e efetiva com a realidade. Ou seja, não sabemos o que fazemos, já que essa ilusão “dissimula” nossa real atividade. E, nesse viés, destacamos que essas concepções fazem referência à ideologia que transita entre o conhecimento e a aceitação da dominação, de forma automática, sem nenhuma reflexão, tal como imposta pelo Capital, e à concepção defendida por Žižek (2006) de que a condição de existência do sujeito corresponde a uma busca pela totalidade, caracterizada pela “possibilidade e impossibilidade” de todas as buscas.

Assim sendo, seguimos afirmando que o materialismo lacaniano dá um novo direcionamento aos preceitos do marxismo tradicional, já que, segundo as concepções de Lacan que Žižek reestruturou, a ideologia contemporânea só se realiza por meio de uma *fantasia ideológica*, caracterizada por uma existência pautada numa busca eterna e *impossível* para preencher a ausência de sentido originado dos processos das forças de dominação e de arbitrariedade que sustentam a sociedade.

Podemos mesmo colocar a hipótese de que ele dialogue diretamente com alguns elementos de Marx, como o fetiche da mercadoria, que apontam na direção de elementos extraeconômicos (ou ao menos para os econômicos) operando no sistema capitalista, aprofundando-os. Dentro desse olhar, o sujeito do materialismo lacaniano se apresenta como um ser que oscila entre a falta e o excesso, os quais caracterizam sua condição de existência. A esse sujeito, Žižek denominou, conforme Lacan, de “sujeito vazio ou barrado” – aquele ser que não se encaixa na estrutura simbólica do mundo e nem se reconhece como um ser plenamente ontológico.

As convicções de Žižek sobre a linha que as lutas sociais ganharam na atualidade são referenciais para a leitura de nossos objetos de estudo. Quando fazemos uma leitura inicial, os personagens de Lima Barreto se apresentam como que em luta constante pelos direitos em voga, pelos “movimentos da esquerda moderna, as chamadas lutas identitárias do multiculturalismo pós-modernos” (Žižek & Daly, 2006, p. 178). Baseados em Žižek, defendemos que Lima Barreto, já nos idos de 1909, concebia a ideia de que as lutas contra o capitalismo apenas garantem que sua estrutura fundamental persista, como demonstraremos nos trechos que tratam da análise dos personagens sob esse viés.

As raízes filosóficas idealistas vieram do pensamento de Immanuel Kant, Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling e Georg Hegel, que forneceram os dados para a análise das relações sociais propostas pelo pensamento de Žižek. A ideia defendida é a de que o cenário mundial da atualidade, que se apresenta em constantes transformações advindas das crises sociais, econômicas e políticas, exige uma análise de cunho subjetivo que complemente a perspectiva dos elementos sociais, políticos e econômicos.

O materialismo busca na análise da História a ideia de que, no meio social, o homem é o resultado das lutas e das transformações políticas e econômicas que caracterizam o desenvolvimento da sociedade em cada contexto histórico. Em outras palavras, nos termos do capitalismo, Marx enfatiza a posição do homem nos meios de produção será como detentor do poder ou será de submissão: de senhor ou escravo; senhor ou servo, até chegar à modernidade – patrão ou empregado –, de acordo com as denominações de cada época (Marx & Engels, 1977).

O método marxista utiliza a luta de classes como princípio norteador para a análise das crises que se configuram como uma evolução dos processos históricos, e, a partir das concepções de Hegel, os princípios da dialética foram incorporados ao materialismo histórico, que passou a estudar o movimento social como um todo constituído de unidades significativas.

Convém ressaltar que o materialismo lacaniano toma as concepções sociais, econômicas e políticas sob a perspectiva dialética e histórica e as relaciona com as teorias de Lacan para pensar os problemas do homem, numa dimensão que exclui o tratamento clínico “porque o clínico está em toda parte, podemos contornar o processo e nos concentrar, em vez disso, em seus efeitos, no modo como ele colore tudo que parece não clínico” (Žižek, 2010, p. 12). Ele assegura que os postulados de Lacan são essenciais para a atualização das noções de proletariado, de comunismo e das concepções de liberdade da política atual, mas enfatiza que não adota o viés da psicanálise clínica, já que é o caráter social que amplia, por meio da ideologia, a dimensão de análise da existência do ser, por isso urge “arriscar o impossível”.

Para Žižek (2006), a teoria marxista negligencia a dimensão social da realidade representativa, logo é preciso que o poder funcione além dos limites da democracia: ele destaca que devemos encontrar os antagonismos que fazem do comunismo, ou de uma forma

alternativa de organização das relações político-econômico-sociais, uma urgência prática na realidade histórica (Žižek & Daly, 2006).

Em *Arriscar o impossível – conversas com Žižek*, o crítico responde a Daly que a Filosofia no mundo contemporâneo não pode mais se prender às concepções do passado como uma ciência para construir uma ontologia geral e reitera que, “talvez pela primeira vez na história, temos uma situação em que o que eram problemas filosóficos são agora problemas que dizem respeito a todos, amplamente discutidos pelo público” (Žižek & Daly, 2006, p. 70).

O materialismo lacaniano apresenta uma estrutura que unifica os campos da Sociologia, da Psicanálise e da Filosofia. Essa “mistura”, a princípio, causa estranhamento, principalmente pela complexidade que essas áreas apresentam, mas, a partir dos conceitos e das formas de aplicação que Žižek apresenta, percebemos que faz sentido utilizar seu contributo para apreensão e problematização das concepções de ideologia que permeiam a estrutura diversificada e complexa da sociedade de hoje.

A escrita žižekiana trata da atual (final do século XX e início do XXI) crise política, econômica e ambiental, cujo destaque são a sensação iminente de uma catástrofe mundial e as causas ideológicas subjacentes. Pobreza, ecologia e repressão política são assuntos recorrentes em seus textos. No tratamento dessas questões, Žižek explora, propositalmente, os temas a partir de trechos do cotidiano e da mídia, tais como filmes de Hollywood e de ficção popular, ou mesmo de áreas consagradas do saber oficial, como ópera, da chamada “alta” literatura, da biogenética, das neurociências, entre outras. Ele consegue falar da literatura de Stephen King à música de Mozart, passando pela física quântica e por Kafka, além de inserir muitos *insights* sobre política, psicanálise e filosofia, que são áreas bem destacadas em todas as suas publicações.

Dada a diversidade da linguagem e das temáticas abordadas, ler Žižek, a princípio, pode ser um grande desafio não somente porque ele usa analogias e metáforas, por vezes, surpreendentes para explicar os conceitos de Lacan, mas também porque a forma como ele vai de um assunto a outro pode, de início, demandar muita atenção e depois provocar o leitor, principalmente quando dá uma abordagem diferente aos acontecimentos banais do dia a dia. De acordo com Silva (2009, p.18), “Na pior das hipóteses, ele nos obriga a repensar, mesmo quando discordamos de suas ideias. Na melhor, ele chega a criar impressões epifânicas em seu leitor”.

A proposta do materialismo lacaniano, quando aplicado aos Estudos Culturais, bem como à própria estruturação literária de um texto, seja ele narrativo, lírico ou dramático, abre novas possibilidades de análise no campo da literatura. E, nessa linha de pensamento, tomamos como base o percurso dos personagens Isaías Caminha e Gonzaga de Sá para explicar que as obras barretianas, escritas no início do século XX, podem ser revisitadas a partir do materialismo lacaniano, uma teoria contemporânea, cujos principais conceitos serão apresentados a seguir.

## **Simbólico – Imaginário – Real: a tríade simbólica em Isaías Caminha e Gonzaga de Sá**

O materialismo lacaniano surge como uma corrente de ampla abordagem que, em sua estrutura teórica, se apresenta como uma ferramenta eficaz e capaz “para explicar nossas agruras sociais e libidinais” (Žižek, 2010, p. 12). E, para entender essas “agruras sociais”, esse filósofo, leitor de Lacan, explica que a existência humana é oriunda da própria ação humana dentro de um espaço – a ordem Simbólica –, cujas ações são decorrentes da própria estrutura da “[...] constituição não escrita da sociedade”, mas que controla todos os atos do homem, desde os que ele segue automaticamente, passando pelos inconscientemente proibidos, até chegar àqueles que devem ser mantidos em segredo, já que podem revelar sua natureza obscena.

Ao apresentar a tríade borromeana como a responsável pela constituição da realidade dos seres humanos, formada a partir dos três níveis entrelaçados (Simbólico, Imaginário e Real) que compõem a realidade do ser, o crítico Žižek faz referência ao movimento de um ser que busca se ajustar à ordem Simbólica por meio de um processo que envolve “desintegração e negatividade”, isto é, o ser se constitui a partir das falhas, de suas distorções negativas.

Esse processo, segundo Žižek, foi proposto por Hegel e se ajusta à convicção de que o espírito, no sentido proposto por Hegel, é “um esqueleto do qual se pode separar a mais íntima experiência física de suas dimensões transcendentais”, e, dessa forma, o homem se constitui a partir de uma realidade imaterial (Žižek & Daly, 2006, p. 8). Com os dados desse movimento que, dialeticamente, constrói e desconstrói a realidade social, Žižek apresenta o Simbólico, o Imaginário e o Real – a tríade lacaniana – como instâncias responsáveis pela composição do homem na sociedade e sempre num movimento que determina sua completude por meio de certa falta/excesso.

Em uma linguagem que lhe é peculiar, o filósofo relaciona o funcionamento da tríade ao jogo de xadrez: as regras que temos de seguir para jogar são sua dimensão Simbólica, já que, do ponto de vista Simbólico formal, “cavalo”, por exemplo, só pode ser definido apenas pelos movimentos que essa peça realiza, enquanto o Imaginário relaciona-se com a forma (conceito/ideia) como as peças se movimentam no jogo, numa estreita relação entre o significado em seus aspectos visuais/formais e o significado em seus aspectos conceituais, cujas regras devem ser conhecidas por todos (Simbólico) (Žižek, 2010, p. 16-17).

O Imaginário pode ser alterado (suponha que você perca uma das peças do tabuleiro, uma das torres, por exemplo, e a substitua por um objeto qualquer, como um pequeno isqueiro: ela seguirá se movimentando conforme as regras Simbólicas do jogo), e o Real se configura quando qualquer ação dos jogadores ou acontecimentos inesperados afetam o curso do jogo O

Real é um excesso na realidade que nos circunda e que escapa ao terreno seguro do Imaginário e do Simbólico: sua irrupção é sempre traumática e catastrófica. (Žižek, 2010, p. 16-17).

De acordo com as convicções de Žižek, a existência humana, tal como as regras determinadas para o funcionamento do jogo de xadrez, a tríade de Lacan – Real, Simbólico e Imaginário – funciona como uma estratégia para o homem pensar a sua existência a partir da realidade e da forma como ela se apresenta em sua relação com o mundo. Seguindo a linha filosófica de Žižek, elegemos, nesta pesquisa, duas obras de Lima Barreto (1881-1922) para analisarmos como os elementos do Simbólico, do Imaginário e do Real permeiam a realidade ficcionalmente representada nos espaços em que os personagens contam suas histórias de lutas, de acomodação e de resistência na sociedade dialeticamente formada entre a aceitação e o novo modelo de vida que nascia durante os primeiros anos do Brasil República. O termo resistência aqui foi utilizada como “resistência ao Real”, uma vez que, segundo o filósofo, “o campo supremo da resistência é aquele que concerne à dimensão de um excesso insuportável, que é exatamente a dimensão do sujeito (Žižek & Daly, 2006, p. 101).

Em *Vida e Morte de Manuel Gonzaga* de Sá (1993), o personagem Gonzaga é descrito como um senhor de idade avançada e que vivera em uma época anterior à República e, como “filho de um general titular do Império, podia ser muita coisa; não quis”. Preferiu estudar e se fez funcionário público. “A República veio encontrá-lo quase só na seção, redigindo um decreto do Defensor Perpétuo e, ao lhe avisarem: ‘Seu’ Gonzaga, hoje não se trabalha; o Deodoro, de manhã, proclamou a República do Campo de Sant’Ana. – Mas qual? Perguntou” (Barreto, 1997, pp. 26-27). Se o velho senhor era formado em Letras e tinha conhecimentos básicos de psicologia e da metafísica de todos os tempos, por que aquela indagação? A justificativa aparece a partir da leitura da obra de Numa Denis Fustel de Coulanges sobre as formas de governo das cidades antigas. A ideia de república que surgia na mente do “Seu” Gonzaga era de um sistema de governo que, apesar de mudar de forma – monarquia, aristocracia, democracia – a natureza do Estado, em sua onipotência, não se alterava – continuava mantendo o homem sujeito às suas leis opressoras.

Se, inicialmente, o comportamento de Gonzaga de Sá parece colocar a República enquanto força de opressão, a narrativa prossegue destacando outras imagens que ele fazia da República como um terreno propício para as atividades que envolviam “pistolões, hipocrisias, solenidades... Um aborrecimento, enfim!” Seu posicionamento justifica o caráter da relatividade “geral” e “especial” das teorias de Einstein em relação à República, uma vez que é ela que “abre” – no plano simbólico –, o caráter “especial” do Imaginário, já que, segundo as concepções de Žižek, podemos afirmar que o Simbólico se prende em torno das fantasias que o narrador construiu a partir das imagens – também fantasísticas –, as quais foram construídas anteriormente pelo personagem Gonzaga.

Observamos que as três instâncias da tríade permeiam a construção da história. De um lado, o personagem que, apesar de não ser contra a monarquia, parecia, aos olhos do narrador,

não ter no “encilhamento da República” as origens de suas boas condições financeiras e sociais. Mais adiante, tomamos conhecimento de que Gonzaga estudara na Europa e de lá voltara conhecedor da crítica religiosa e das línguas sagradas. Porém, sem a fortuna, que o pai perdera, Gonzaga não sabia o que fazer com todo aquele conhecimento nas ruas do Rio de Janeiro. Seu movimento dentro da ordem Simbólica, a partir daí, atesta que há algo não resolvido; há um conflito que se manifesta naquilo que a teoria lacaniana chama de “um excesso de vida”. O conflito é existencial e, no personagem Gonzaga, se instala nas próprias tentativas de se afastar daquilo que lhe é negado. Ele é, ao mesmo tempo, o excesso dentro da ordem simbólica e o impulso que busca afastar-se dela.

Fato semelhante ocorre com o amigo, narrador da história, que, em uma ordem inversamente semelhante, se movimenta em busca de preencher a lacuna que determina sua condição humana como a de não pertencimento àquela ordem. A luta para inscrever o nome dentro da ordem segue o funcionamento da tríade, numa dimensão que, ao acentuar a vida do amigo, contribui para o fortalecimento das forças que controlam a relação entre dominadores e dominados, configurada como uma tentativa de confirmar sua condição de inferioridade por meio do “enaltecimento do sistema”. Simbólico, Imaginário e Real – os três níveis entrelaçados que compõem a existência do homem – formam redes de significados, que variam conforme os diferentes contextos sociais e históricos que constituem a ordem Simbólica, a qual é composta por um conjunto de regras que determinam o movimento do ser na sociedade.

Segundo Žižek, a aceitação ou não do cumprimento dessas normas variam de acordo com “o inconsciente que fala e pensa”, ou, nas suas palavras (2010, p. 9): “o inconsciente obedece à sua própria gramática e lógica” e, já que ele é estruturado pela linguagem, não se apresenta como um terreno em que o “eu” pode domar suas pulsões violentas. Ao contrário, o inconsciente é o lugar onde uma verdade traumática fala abertamente. Sobre essa relação, destacamos que Lacan afirma que o inconsciente está estruturado como uma linguagem e que esta é tão essencial quanto perigosa (Žižek, 2010).

O materialismo de Lacan consiste na tese de que a dimensão da verdade emerge na realidade humana por meio da relação (teoria e prática) estabelecida entre os atos de fala aplicados à teoria da linguagem (linguística de Saussure) e à dialética do reconhecimento de Hegel, o que leva ao crivo da teoria aqui em pauta: “uma teoria e prática que põem os indivíduos diante de uma dimensão mais radical da existência humana” (Žižek, 2010, p. 10).

A partir dessas concepções e destacando a forma como os indivíduos se ajustam e impõem suas escolhas, as instâncias da tríade lacaniana se caracterizam pelo entrelaçamento perfeito entre as partes que, segundo Lacan, formam a imagem do nó borromeano, que corresponde à imagem de três anéis entrelaçados “inseparáveis” entre si: a ruptura de um provoca o desligamento de todos.

Lacan, em seu Seminário RSI (1974-1975), afirma que a única forma de dar uma medida comum às três instâncias da tríade seria por meio do nó borromeano que “amarra” o Simbólico,

o Imaginário e o Real. É esse nó – o perfeito entrelaçamento entre os três níveis – que garante o movimento da vida humana. Em outras palavras: as imagens construídas no plano do Imaginário sustentam o Real na dimensão Simbólica; se uma das três instâncias se “solta”, toda a estrutura (e, portanto, a psique) se desintegra.

A existência humana, caracterizada pelas atividades contínuas dos indivíduos dentro de uma relação formal que estabelece as ações e as escolhas do homem, bem como suas consequências, é concebida nas dimensões do Simbólico, do Imaginário e do Real, em que o Real é o excesso resultante das tentativas do homem de se ajustar ao mundo simbólico, por meio da linguagem, a qual estrutura a relação entre o significante (o Simbólico) e o significado (o Imaginário). Fora do âmbito da linguagem, o Real é, além de aterrorizante, inenarrável e, conforme já dissemos anteriormente, o Real irrompe quando o imaginário não consegue mais “sustentar” a integração simbólica da vida.

Em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1998), o protagonista se apresenta como um ser que permanece em constante movimento entre a falta e o excesso que caracterizam a vida humana. Isaías não só aceita, como também segue automaticamente os padrões do sistema social; há momentos em que, de tanto tentar distanciar-se deles, o protagonista só consegue mantê-los cada vez mais perto, conforme podemos perceber nas várias tentativas de Isaías de recusar a causa de sua impossibilidade de se ajustar àquela realidade em que os brancos e os mais favorecidos socialmente sobressaíam-se aos que eram de “cor”, assim como ele.

O jovem protagonista embarcara no trem que o conduzia a uma vida de sucesso, de poder, que ele projetara desde a infância. “Para mim era como se o mundo me estivesse esperando para continuar a evoluir” (Barreto, 1998, p. 21). Isaías fora criado em um contexto de tristezas e de desigualdades que ele descrevia como de “nível mental”. Do pai herdara os desejos da inteligência e, na mesma proporção, com a tristeza pela ignorância da mãe, Isaías fez do conhecimento a arma que o levaria não apenas ao crescimento intelectual e à profissão, mas principalmente a um mundo de glórias e de poder. A viagem ao Rio de Janeiro seria o meio de concretização de um futuro certo e promissor, mas algo surge para “abalar” toda a estrutura aparentemente bem simbolizada.

A construção da existência do ser, em Isaías, pode ser explicada como a de alguém que temia o encontro com o mundo novo delineado naquela viagem, conforme ele mesmo relata em “O trem parara e eu abstinha-me de saltar”. Certamente, as angústias de uma existência esvaziada de sentidos pairavam entre os vários significados que rodeavam o Simbólico que ali se estruturava, como percebemos quando Isaías resolve descer em uma determinada estação só porque estava faminto e recebe do caixeiro um tratamento rude e grosseiro, diferente da forma como este respondera, nas mesmas circunstâncias, a um “rapaz alourado”.

Podemos fazer referência ao sujeito de Lacan – um ser incompleto, vazio, em busca de afirmação e aceitação – já que Isaías “permanece como um espinho na garganta do

significante”, principalmente quando relata que a indignação que se lhe instalara com as palavras do homem do caixa aumentara significativamente quando observara os olhares que as demais pessoas presentes lhe dirigiram. Mas era preciso continuar agindo como se não soubesse que sabia e assim se manteria “protegido” ou “absolvido de impulsos culpáveis”, prosseguindo sua existência em torno do vazio que caracterizava sua incompletude. Segundo os postulados de Žižek, isso lhe confere o “*status* de humano”.

Na passagem seguinte, “Trôpego e tonto, embarquei e tentei decifrar a razão da diferença dos dois tratamentos” (Barreto, 1998, p. 29), observamos que a lacuna que o personagem tentava preencher estava impregnada nas suas origens humildes e na sua cor. E, quanto mais ele buscava no conhecimento, nos estudos e na profissão “escrever seu nome na ordem simbólica, mais ele se afastava de sua identidade ontológica” (Žižek & Daly, 2006, p. 11).

Há, ainda, as regras que Isaías tenta silenciar, porque revelam suas ações indecorosas e seus pensamentos mais sujos, como, por exemplo, na passagem em que imagina a vida de sua mãe no âmbito da grandeza do Rio de Janeiro. Diferentemente do pai, que tinha conhecimento, aquela vida (mais de criada e menos de esposa) era “demais” para ela, que era ignorante e não sabia nem os nomes das estrelas nem a natureza da chuva, e, por certo, “o ambiente de sedução e corrupção” “cercá-la-ia, e havia de acabar por aí, por essas ruas” (Barreto, 1998, p. 27). Na narrativa, é claro o enfoque dado à impotência do personagem frente ao controle da sociedade que o obriga a aceitar as desigualdades como resultante de um processo natural, de um “Destino imponderável”, regido pela injustiça do capitalismo moderno, que, além de explorar, ainda coloca o homem como responsável pela própria dominação.

Os personagens barretianos, apresentados sob a ótica da violência que se caracterizou em todo processo de formação humana, são descritos ou aparecem como seres que se movimentam no cenário da “realidade” social tal qual o funcionamento da tríade. São personagens que representam as “amarras” resultantes do imaginário de um sistema que, a todo instante, ameaça se desatar. Nossas pesquisas se voltam para a análise das forças opressoras do capitalismo vigente como determinante para a composição de indivíduos que buscam uma integração harmoniosa na sociedade seguindo a lógica da possibilidade dentro da impossibilidade que atesta a natureza constitutiva humana.

No romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1998), o Simbólico, o Imaginário e o Real aparecem entrelaçados desde o início da narrativa, quando o protagonista apresenta seu ambiente familiar, e o momento de sua castração simbólica é descrito como um instante de deslumbramento: “Meu pai, que era fortemente inteligente e ilustrado, em começo, na minha primeira infância, estimulou-me pela obscuridade de suas exortações” (Barreto, 1998, p. 21). As imagens de inteligência do pai, da força e do poder de Napoleão, que se configuraram em seu Imaginário a partir daí, resultaram na busca desenfreada pelo estudo e

pelo conhecimento, que determinaram sua identidade Simbólica marcada dependente e historicamente do contexto ideológico que colocou, em posições opostas: o conhecimento do pai e a ignorância intelectual da mãe.

Além disso, ainda havia o fato de seu pai ser padre – pai e mãe formavam um casal fora dos padrões convencionais. Tornar-se um grande homem era o seu desejo central e a causa da sua incompletude existencial: “Se minha mãe parecia triste e humilde [...] era porque não tinha a habilidade de ler, de explicar tudo e de dominar a linguagem como o meu pai tinha” (Barreto, 1998, p. 21). Para o menino Isaías, entrar nesse mundo das letras “não era só uma razão de ser de felicidade, de abundância e de riqueza, mas também de título para o superior respeito dos homens e para a superior consideração de toda a gente” (Barreto, 1998, p. 21).

Para Lacan, essa ruptura é fundamental para o homem tornar-se sujeito. Mas esse processo não acontece de forma natural, daí a utilização do termo “castração” traumática. E, para enfrentar os impasses advindos dessa ruptura e superar sua incapacidade de se ajustar ao mundo simbólico, o indivíduo busca preencher as lacunas criadas quando de sua entrada no mundo Simbólico por meio daquilo que Lacan chamou de “objeto a” (*Le objet petit a*) – “o insondável “algo” que torna um objeto comum sublime”.

O momento de ruptura, denominado de “dimensão”, é primordial porque, além de se fazer presente o tempo todo, sustenta o ser e, ainda, ameaça explodir na busca incessante de uma ideia, e o objeto de desejo configura-se como inatingível. O caráter eterno dessa busca estabelece a diferença entre o objeto e a causa do desejo por meio da teoria da relatividade aplicada à relação entre o observador e a velocidade da luz em relação à noção de espaço curvo do desejo: “por vezes, o caminho mais curto para realizar um desejo é evitar o objeto-meta, fazer um desvio, adiar seu encontro” (Žižek, 2006, p. 97).

O indivíduo tenta “fugir”, afastar-se do objeto desejado porque esse encontro representa, segundo Silva (2009a, p. 213), “uma dolorosa evidência da falta da integração harmoniosa”. Para Lacan, o *objeto a* é a causa do desejo, não é o objeto desejado, já que, ao se aproximar do objeto desejado, o indivíduo mais se mantém afastado da causa do desejo. O ponto que caracteriza a “castração” simbólica como uma condição de impossibilidade de reestruturação da falta primitiva é que o objeto perdido se transforma numa coisa impossível – o *objeto a* –, que, dada a sua ilusão imaginária, se perde na possibilidade de ser recuperado, fato que atesta a importância dos laços que “amarram” as três instâncias e que organizam a vida humana, a saber, a tríade lacaniana.

O Imaginário dos protagonistas (Isaías e Gonzaga) prende o Simbólico em volta de certas fantasias fundamentais criadas a partir das fronteiras que determinaram o movimento de ambos como pertencentes a classe dos menos favorecidos socialmente. Fronteiras caracterizadas pela cor e pelas divisões Simbólicas resultam nas várias manifestações de exclusão responsáveis pela construção de uma realidade social, hierarquicamente injusta, na forma capitalista. O conflito instalado a partir daí é responsável pela vulnerabilidade a que são

expostos os personagens Isaías Caminha e Gonzaga de Sá quando a fantasia se configura como um excesso aterrorizante, mas é justamente esse excesso que fornece uma resposta para decifrar o enigma do desejo do Outro como uma tentativa de se constituírem enquanto seres da ordem vigente.

## **Conclusão**

Este artigo é fruto de uma pesquisa sobre a obra de Lima Barreto em diálogo com os estudos socioculturais e a filosofia, a partir do materialismo lacaniano, tomando como referencial o funcionamento da tríade Real, Imaginário e Simbólico. Nesse contexto, propomos uma relação entre forma e conteúdo, discussão tão bem largamente discutida por Candido (2000), de modo que os conceitos basilares relacionados à teoria žižekiana puderam dar sustentação à análise dos personagens protagonistas Isaías Caminha e Gonzaga de Sá em suas trajetórias na ordem Simbólica.

Dentro de sua estrutura Simbólica, apresentamos a ideia de que os dois protagonistas vivenciavam, cada um a seu modo, um conflito existencial relacionado à incapacidade de ambos se ajustarem ao Simbólico (as normas e regras que regulam a convivência na sociedade). Esse conflito os levam a um vazio, caracterizado por uma busca e, nisso se concentra todo o impasse do desejo dos personagens, que, nesta pesquisa, é caracterizado pela condição transcendental de possibilidade e impossibilidade de realização do desejo relacionado a uma falta existencial – a completude do ser.

A partir dessa constatação, destacamos que as concepções de Žižek sobre a constituição dos seres em sua relação com a tríade – Simbólico, Imaginário e Real – podem ser associadas à questão da falta/vazio que caracteriza a busca de Isaías Caminha e Gonzaga de Sá para se ajustarem à realidade imposta pelo sistema vigente do Brasil no início do século XX.

Os conflitos existenciais, bem como a angústia de não se adaptarem àquela realidade dividida em classes, marcam a trajetória dos dois personagens em um contexto social que se apresenta cada vez mais excludente. Esse contexto da narrativa é importante para explicarmos que a análise que defendemos objetiva compreender como se dá o processo de subjetivação do indivíduo dentro do mundo Simbólico, em todas as suas relações conflitantes.

A constituição dos personagens de Lima Barreto, vista pelo viés do materialismo lacaniano, é marcada por uma eterna busca por preencher a lacuna resultante de sua entrada no Simbólico, cujos traumas gerados são necessários, uma vez que para ser capaz de viver, o ser humano precisa ser ajustar a algum tipo de ordem.

São essas características que justificam a análise da literatura de Lima Barreto a partir do materialismo lacaniano, cuja proposta é relacionar os fatos sociais, políticos e históricos às condições humanas, já que o indivíduo, que está sempre em constante transformação, é

sempre reflexo das marcas históricas e dos desejos do Outro. Ou “O desejo do homem é o desejo do Outro”.

A literatura de Lima Barreto apresenta personagens que buscam em diferentes outros preencher o vazio em que se encontra sua existência Simbólica, e, nessa perspectiva, sua obra surge como uma arte que, além da simples representação dos fatos históricos e cotidianos, permite a atualização das próprias concepções da arte literária enquanto instrumento de representação do homem em dada sociedade.

A obra barretiana se mostra em personagens que estabelecem um lugar definido em seus estratos culturais, mas que também dialogam com os processos históricos, como podemos perceber em várias passagens da obra *Vida e Morte de J. M. Gonzaga de Sá*, principalmente nos excertos que se referem à Proclamação da República e às mudanças que o novo sistema trazia, mas que, contrariamente à ideia de evolução, de transformação, o novo não surgia com as características de crescimento e de progresso nem para a cidade, nem para os cidadãos.

Esse caminho de diálogo com a história tem uma ratificação no processo de construção dos romances barretianos. Entretanto, esse caminho subordina a ação das personagens aos acontecimentos, trazendo para a narrativa aquilo que é essencial à trama. No caso acima citado, podemos depreender que a personagem Gonzaga de Sá não apenas se sente desambientado com o termo, mas, no dizer do narrador, esse acontecimento não lhe acarretava uma “ideia nítida”. Essa percepção, a nosso ver, coloca a obra de Barreto no diálogo com espaços de isolamento, solidão, como está em *Gonzaga de Sá*, numa dimensão, e em *Isaiás Caminha*, em noutra. Nos dois casos, podemos ver que a construção dos personagens se filia à propagação de espaços que se dizem na forma literária.

Ou seja, podemos dizer que as narrativas barretianas exploram personagens que coadunam o meio social, fazendo-os, muitas vezes, ir da realidade social ao efeito da verdade, conforme apresentamos neste artigo, a partir do movimento dos personagens dentro do Simbólico – uma das três instâncias responsáveis pela constituição da realidade do ser, como observamos nas obras ora analisadas.

## REFERÊNCIAS

- Badiou, A. (2002). *Pequeno manual de inestética*. Estação Liberdade.
- Barreto, L. (1997). *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Ática.
- Barreto, L. (1998). *Recordações do Escrivão Isaiás Caminha*. Ática.
- Bosi. (2013). *História Concisa da Literatura Brasileira*. Cultrix.
- Candido, A. (2000). *Literatura e sociedade*. (8ª ed.). Cia. Ed. Nacional.
- Lacan, J. (1974/75) O Seminário, livro 22: R.S.I., lição de 18 de fevereiro de 1975.
- Marx, K. & Engels, F. (1977). *Manifesto do Partido Comunista*. Expressão Popular.

Schwarcz, L. M. (2017). *Lima Barreto: triste visionário*. Companhia das Letras.

Silva, M. C. (2009). *O percurso do outro ao mesmo: sagrado e profano em Saramago e em Helder Macêdo*. Arte & Ciência.

Žižek, S. (2010). *Como ler Lacan*. Zahar.

Žižek, S. & Glyn, D. (2006). *Arriscar o impossível: conversas com Žižek*. Martins Fontes.

Žižek, S. (1992). *Eles não sabem o que fazem – o sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro: Zahar.